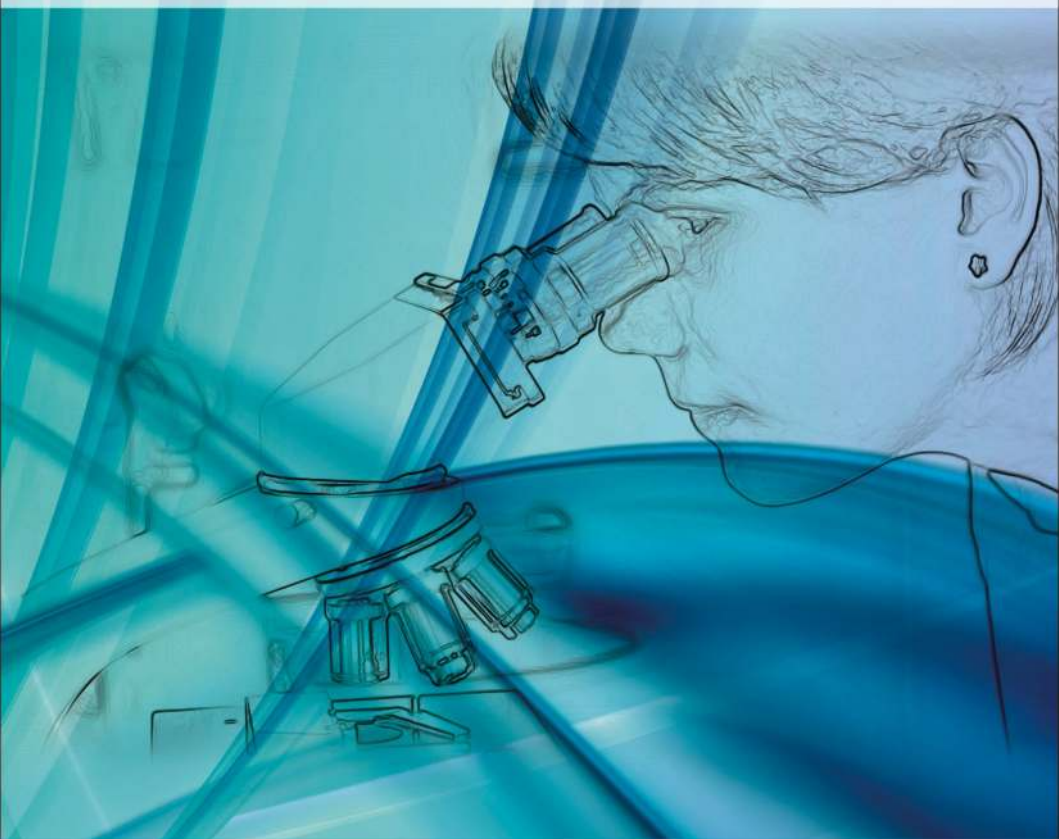


PATOLOGIA

Uma especialidade médica que vale a pena



**Boletim Informativo elaborado pela
Sociedade Brasileira de Patologia (SBP) e Associação
dos Patologistas do estado de São Paulo (APESP)**

PATOLOGIA:

UMA FASCINANTE ESPECIALIDADE MÉDICA

A Anatomia Patológica, ou simplesmente Patologia, é uma especialidade da Medicina que é a responsável em grande parte pelos fundamentos científicos da prática médica.

É a especialidade que estabelece a ponte entre as cadeiras básicas e as cadeiras aplicadas, exigindo do especialista, conhecimentos teórico-práticos ao mesmo tempo amplos e profundos. Nisso está seu fascínio, já que o especialista pode ter atuação muito abrangente, desde como pesquisador básico até como médico engajado em diagnosticar e participar das condutas terapêuticas para os doentes.

Os Patologistas podem exercer suas atividades como generalistas, atuando nos vários campos da especialidade, ou podem subespecializar-se. Assim, após período de aprendizado geral, numerosos Patologistas têm se especializado em neuropatologia, dermatopatologia, nefropatologia, hepatopatologia, hematopatologia, e assim por diante. Existem até revistas dedicadas exclusivamente a estas áreas da patologia, como por exemplo, o *American Journal of Dermatopathology*, o *International Journal of Gynecological Pathology*, *American Journal of Gastroenterology*, *Histopathology*, *Virchow's Archives* etc. Esses Patologistas-especialistas desenvolvem atividades em íntimo contato com seus colegas clínicos e cirurgiões, e muitos casos são diagnosticados em reuniões conjuntas anátomo-clínicas.

Outra área importante de atuação do Patologista é o ensino da graduação em escolas médicas, de veterinária, de odontologia ou de outras áreas biológicas, e em nível de Pós-Graduação, incluindo a Residência Médica.

Por fim, a Patologia é uma área em contínuo desenvolvimento, onde, em consequência de investigação e avanços tecnológicos, os conhecimentos acerca das doenças estão sempre ampliando-se, sendo checados e revistos.

O PATOLOGISTA NO ATENDIMENTO AO PACIENTE

O patologista participa do dia a dia do atendimento médico através da importância crescente do diagnóstico anatomopatológico na avaliação do doente.

No passado, os tecidos retirados pelos cirurgiões eram enviados aos Laboratórios de Patologia, onde eram processados; o Patologista dava seu diagnóstico dos tecidos retirados e mantinha pouca interação com os clínicos e cirurgiões.

Hoje pouco mudou na maneira como os tecidos são examinados e diagnosticados, mas muito mudou na relação do Patologista com o médico assistente e com os pacientes. O Patologista deve conhecer o caso clínico antes de dar o diagnóstico que, muitas vezes, precisa ser amplamente discutido com os clínicos e cirurgiões.

O diagnóstico anatomopatológico baseia-se no estudo macro e microscópico das lesões. Esse estudo pode ser feito no Centro Cirúrgico, preparando-se lâminas do tecido rapidamente congelado, cortado e corado (exame de congelação intraoperatório). Pode também ser realizado pela observação de esfregaços. Mais recentemente, ao invés de obter tecido por excisão com um bisturi, tem sido cada vez mais usada a aspiração das lesões por uma agulha fina (Punção Aspirativa por Agulha Fina - PAAF), que permite obtenção de excelentes preparados e é muito menos traumatizante que o bisturi, podendo ser realizada inclusive nos ambulatórios. Sempre que possível, a aspiração das lesões é feita pelo próprio Patologista, que tem, assim, a oportunidade de interagir com o paciente e avaliar clinicamente a lesão que está puncionando. O estudo histológico dos “cortes em congelação” e o estudo citológico dos esfregaços ou do material aspirado permitem, na maioria dos casos, um diagnóstico rápido, preciso e seguro, fundamental para a conduta cirúrgica.

Além desses casos, cuja conduta depende de um diagnóstico imediato, com o paciente ainda na mesa operatória, mais frequentemente os tecidos ou

órgãos retirados pelos cirurgiões são estudados com mais calma em preparados histológicos estáveis e de melhor qualidade técnica. Em geral, esses preparados são obtidos após fixação dos tecidos e inclusão em parafina.

Da mesma forma, os esfregaços das lesões ou dos mais variados líquidos e exsudatos coletados dos pacientes são processados e estudados de forma a permitir não só o diagnóstico, como também o estudo da evolução das lesões ou o controle de sua cura. O Patologista hoje, portanto, faz parte integrante da equipe médica e nestas condições tem que considerar o doente, como um todo; sua história, seus sinais e sintomas, os resultados dos exames complementares, e discutir com a equipe clínico-cirúrgica as possibilidades diagnósticas e mesmo a conduta. Já se foi o tempo em que o Patologista ficava em sua sala lendo lâminas e ditando relatórios. Cada vez mais ele deve integrar o corpo clínico, participando continuamente da avaliação dos doentes.

O enorme desenvolvimento das modernas técnicas de imunohistoquímica, microscopia eletrônica, genética e biologia molecular permitiu que elas fossem aplicadas aos tecidos e células obtidas dos pacientes, aumentando muito a precisão dos diagnósticos (exs: Hibridização in situ, reação em cadeia da polimerase – PCR, análises cromossômicas, etc.). Por outro lado, exigiram uma ampliação substancial dos conhecimentos e habilidades dos Patologistas que, cada vez mais, deverão desempenhar o papel de incorporadores das novas técnicas ao dia a dia do diagnóstico.

Um novo campo de aplicação da Patologia é a busca, detecção e avaliação de potenciais alvos terapêuticos em neoplasias. Exemplos incluem HER2 e receptor de estrógeno nos tumores da mama, EGFR em tumores do pulmão e da mama, o KIT nos tumores estromais gastrointestinais (GIST) e VEGF em tumores do cólon. O estudo desses potenciais alvos pode ser feitos através de diferentes técnicas aplicadas pelo Patologista, tais como imunohistoquímica, FISH etc.

A autópsia constitui em excelente meio para o estudo da história natural

da doença e oferece as condições ideais para a avaliação da conduta médica e da terapêutica instituída. Por outro lado, a discussão das autópsias com os clínicos que acompanharam o caso confere ao Patologista a condição de elemento chave no aprimoramento do corpo clínico, além de constituir-se em elemento importante da avaliação e controle da qualidade do serviço médico prestado.

Não podemos nos esquecer que pelo menos em 20% dos casos, apesar de todos os avanços da Medicina, a autópsia demonstra alterações que passaram despercebidas pela clínica. Essas discrepâncias ocorrem tanto no Brasil como nos países mais desenvolvidos da América do Norte e Europa e mudaram pouco ao longo dos anos.

A importância epidemiológica das autópsias não pode deixar de ser mencionada, pois nos Estados Unidos onde o avanço tecnológico é conhecido, cerca de 20% dos infartos do miocárdio e 15% dos cânceres só são diagnosticados pelo Patologista na mesa de autópsia. Com frequência, doenças de notificação compulsória e de importância epidemiológica como Tuberculose, Leptospirose e outras são diagnosticadas durante a autópsia.

O PATOLOGISTA COMO EDUCADOR

Como já referimos, o Patologista será sempre um educador esteja ou não ligado a uma Universidade. Nas Universidades, os Patologistas ensinam, entre outros, os estudantes de medicina, veterinária, enfermagem, biologia, biomedicina e odontologia. Na Universidade e na atividade privada, os Patologistas ensinam ao lado do leito, nas salas de cirurgia, nas conferências anátomo-clínicas e na discussão dos casos com o corpo clínico de sua instituição, e nos congressos médicos. Em muitas instituições, acaba tornando-se consultor de outros especialistas.

O contato diário com biópsias dos mais variados órgãos e sistemas, seu envolvimento com autópsias, que exigem a avaliação cuidadosa de pron-

tuários originados das diferentes clínicas e a interpretação das mais variadas alterações observadas no cadáver, obrigam o Patologista a ser um generalista, ter uma noção global da doença e dos doentes e assim desempenhar o papel de integrador do conjunto do conhecimento médico.

O PATOLOGISTA E A PESQUISA

A busca do conhecimento sobre as causas e os mecanismos das doenças é fundamental para o seu controle e prevenção. Como já afirmamos, o fascínio da atividade do Patologista está no desafio intelectual que é a compreensão dos processos mórbidos.

Para compreender a doença, os Patologistas começaram procurando correlacionar os sinais e sintomas observados em vida com as lesões encontradas nos cadáveres. Este método “anátomo-clínico” permitiu um avanço extraordinário no conhecimento sobre as doenças e foi fundamental para que a Medicina saísse de uma era de curandeirismo para uma fase empírico-científica.

À medida que a Biologia progrediu, várias de suas técnicas foram progressivamente sendo incorporadas ao arsenal de que dispunha o Patologista na procura do entendimento da doença. O microscópio levou Virchow, no século passado, a propor a “teoria celular” da doença, e hoje graças ao progresso extraordinário da Biologia Molecular, estamos na época do entendimento dos seus mecanismos mais profundos.

A produção de modelos de doenças em animais experimentais e a aplicação nesses modelos das novas técnicas permitiu uma ampliação crescente de nossos conhecimentos.

Por outro lado, para compreender o patológico é necessário que se desvende o normal. Hoje as fronteiras que separavam os patologistas dos histologistas, fisiologistas, bioquímicos, geneticistas, biólogos celulares, imunologistas e farmacologistas vão se tornando cada vez mais tênues.

Como exemplo podemos citar: i) O estudo da estrutura dos genes envolvidos na produção dos vários tipos de colágeno permitiu o entendimento dos mecanismos de adesão das células epiteliais às membranas basais e conseqüentemente do porque de algumas doenças bolhosas da pele; ii) O estudo dos receptores de TSH na membrana das células da tiróide permitiu que entendêssemos melhor não só a função da tiróide como também várias de suas disfunções.

O papel dos contaminantes ambientais na gênese de neoplasias, as doenças causadas por drogas usadas em terapêuticas e o desenvolvimento do conceito de AIDS, tiveram importante colaboração dos Patologistas, pois são treinados para reconhecer novas doenças e esmiuçar suas possíveis causas.

O papel que a patologia tem desempenhado na evolução dos conhecimentos médicos pode ser avaliada pelos muitos patologistas que receberam o Prêmio Nobel de Medicina: Burnett, Fleming, Florey, Whipple, Landsteiner, Benacerraf, e recentemente, em 2005, J. Robin Warren, por sua participação nos trabalhos que revelaram o papel do *H. pylori* no desenvolvimento das gastrites, da úlcera péptica e do linfoma gástrico.

RESIDÊNCIA EM PATOLOGIA

Na grande maioria das vezes, o estudante de medicina recém graduado que desejar fazer a especialidade deverá ingressar em um programa de Residência em Patologia. Existem numerosas Residências em Patologia na maioria das escolas médicas do país, assim como em grandes complexos hospitalares. Esses programas de Residência têm duração mínima de três anos, envolvendo obrigatoriamente treinamento em patologia cirúrgica, autópsias e citopatologia. Algumas Residências oferecem um ou dois anos complementares de treinamento, em geral dedicados à especialização em técnicas especiais ou em áreas específicas.

Durante este período, o Residente deverá, segundo o preconizado pelo

Conselho Nacional de Residência Médica, realizar pelo menos 1000 exames de biópsias ou peças cirúrgicas, 50 autópsias e 500 exames citopatológicos.

Ao final do programa, o Residente deverá sentir-se seguro para exercer a especialidade de modo independente e com competência. Deverá ainda ter bem claro os limites do seu conhecimento de maneira a não hesitar em consultar outro Patologista quando necessário. Como em qualquer outra especialidade médica, o bem estar do paciente deverá vir sempre antes do orgulho profissional.

Concluída a Residência, faz-se o exame do Título de Especialista que é oferecido pela Sociedade Brasileira de Patologia, bianualmente. O Título de Especialista não é ainda obrigatório para o exercício da Patologia, porém é um atestado da capacitação do profissional, representando ponto precioso no seu currículo profissional.

MERCADO DE TRABALHO

O Patologista encontra fundamentalmente quatro opções de trabalho. É frequente que o Patologista atue tanto ligado a centros hospitalares, acadêmicos como em laboratórios particulares:

1. Faculdade de Medicina - aqui o patologista poderá desenvolver atividades de ensino, assistência, pesquisa e administrativas. Inserido dentro de um Hospital Universitário, ele interage em estreita ligação com o corpo clínico no diagnóstico e tratamento dos pacientes, e tem amplas possibilidades de desenvolver seu talento como professor e pesquisador.

2. Hospital não universitário - numerosos hospitais, muitas vezes estaduais ou municipais, não estão ligados a escolas médicas e possuem Patologistas em seu corpo clínico. Esses Patologistas atendem às necessidades do Hospital e frequentemente utilizam o laboratório no Hospital para realizar exames provenientes de outras instituições.

3. Laboratório particular - muitos Patologistas atuam em seus próprios laboratórios, atendendo a clínicas privadas e mantendo convênios com entidades de prestação de serviços na área de saúde.

4. Pesquisa - Por fim, um número menor de Patologistas dedica-se exclusivamente à pesquisa trabalhando na Universidade, em Institutos de Pesquisa (Inst. Butantã, Fiocruz, Adolfo Lutz, etc.) ou mesmo na indústria ligada à Medicina.

ASSOCIAÇÕES QUE AGREGAM OS PATOLOGISTAS

Os Patologistas são representados pelas seguintes associações: i) Sociedade Brasileira de Patologia; ii) As Associações Estaduais, como a Associação dos Patologistas do Estado de São Paulo (APESP), APEMG (Minas Gerais), APERJ (Rio de Janeiro) e Patoba (Bahia); iii) Brazilian Division of the International Academy of Pathology - IAP; iv) ABRALAPAC, que representa os laboratórios privados de Patologia.



SOCIEDADE BRASILEIRA DE PATOLOGIA

Rua Ambrosina de Macedo, 79 - Vila Mariana - São Paulo - SP - CEP 04013-030 - www.sbp.org.br